

CUBA

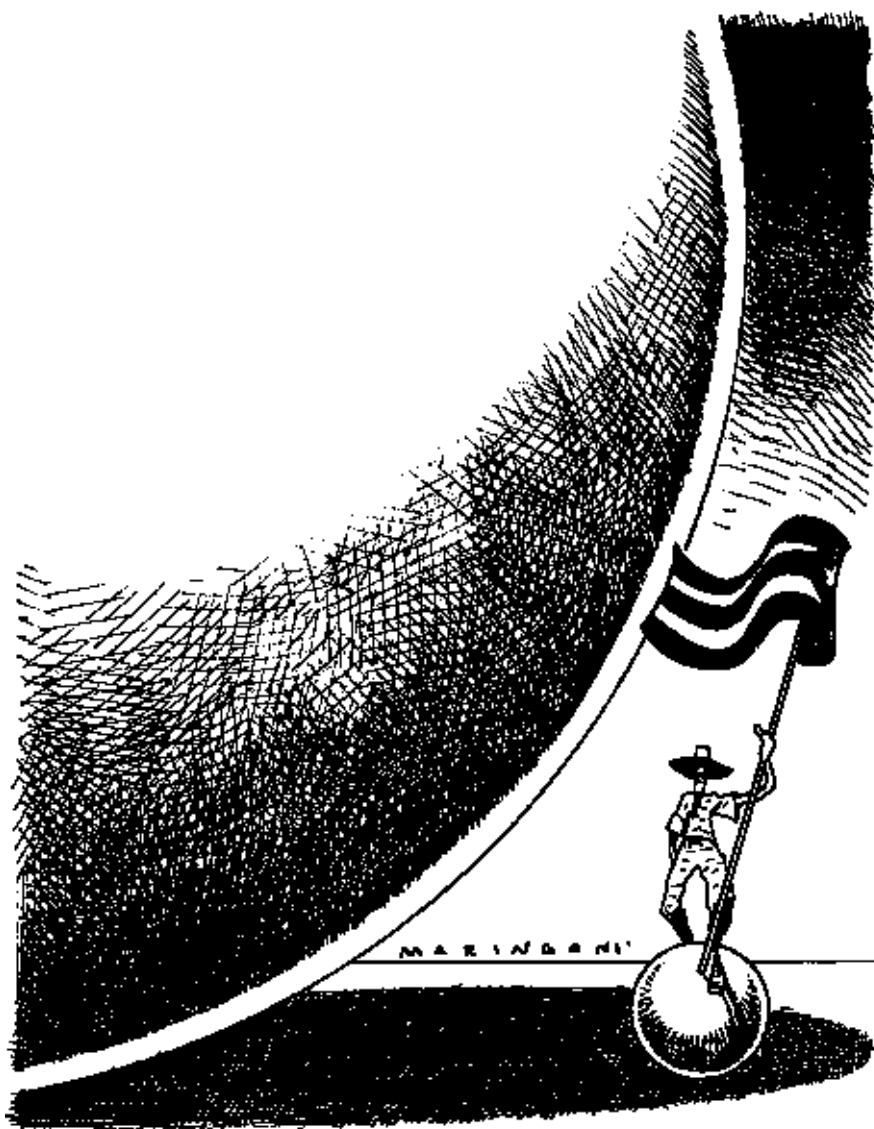
A SOBERANIA DEFINE AS REFORMAS

Carlos Eduardo Malhado Baldijão

“Até Cuba está privatizando e a nossa esquerda se recusa a aceitar a modernização”.

Esta frase era comum ouvir-se durante as discussões havidas no Congresso Nacional, quando se preparava a votação da entrega de nosso patrimônio público. Esta é uma das afirmações vazias, entre as inúmeras argumentações absolutamente irresponsáveis que se podia ouvir de parlamentares que defendiam a “flexibilização” dos monopólios das telecomunicações e do petróleo, atendendo a pedidos do Fundo Monetário Internacional.

Este difícil período que estamos vivendo em nosso país, de perda de soberania, remete-nos à discussão do que realmente está ocorrendo naquele país do Caribe que, embora pequeno, suscita apaixonados debates em todo o mundo. Afinal, caiu o muro de Berlim, o socialismo no leste europeu ruiu e a antiga URSS desmilingüiu como um merengue deixado fora da geladeira.



Cuba mantinha estreitas relações econômicas com a URSS e os países do leste europeu. Não eram simples relações comerciais, mas um processo de integração econômica de um mercado comum e as inversões que se faziam em Cuba tinham como objetivo suprir as necessidades definidas por este mercado e possibilitar o cumprimento das responsabilidades cubanas frente a este mesmo mercado.

Estas relações foram desenvolvidas em função do bloqueio americano que dificultava incrivelmente a comercialização entre Cuba e os países ocidentais, além da total impossibilidade de obtenção de crédito. No mercado dos países socialistas era possível obter crédito e equipamentos para os mais diferentes ramos da economia. Assim, nas condições dadas, esta era não apenas uma opção razoável, mas a única opção para o desenvolvimento do país. Desta forma, foram introduzidas técnicas e produtos advindos daqueles países, assim como era possível obter petróleo nas quantidades necessárias e a preços condizentes com aqueles pagos pela exportação de açúcar e outras mercadorias.

Com o desmonte da antiga União Soviética e do socialismo nos países do leste europeu, aquelas relações econômicas romperam-se abruptamente. Praticamente, da noite para o dia, Cuba viu-se com as importações de petróleo reduzidas em mais da metade, com dificuldades de reposição de peças, sem matérias-primas para a indústria, sem transporte; enfim, enfrentando o rompimento de relações econômicas construídas ao longo de mais de trinta anos. As novas condições exigem um reordenamento econômico, novas estratégias de desenvolvimento, busca de novos mercados. E tudo isto diante de um recrudescimento do bloqueio dos Estados Unidos.

A situação que vive a economia cubana hoje é realmente difícil. Para se ter uma idéia, Cuba exportava mais de 4 milhões de toneladas de açúcar para a antiga União Soviética e de um ano para outro esta exportação caiu a apenas um milhão de toneladas. Cerca de 70% do níquel, segundo principal produto de exportação cubano, era exportado para os países socialistas. Esta exportação foi reduzida praticamente a zero. A agricultura cubana que estava altamente mecanizada, está hoje trabalhando com tração animal por falta de combustível.

A criminoso política norte-americana em relação à Cuba, se já trouxe enormes prejuízos, calculados em torno de 40 bilhões de dólares no passado, agora pretende conseguir a rendição da Revolução pela fome de 11 milhões de cubanos. Cuba iniciou um processo de abertura econômica e tem buscado capital, tecnologia e mercados, e os Estados Unidos procuram colocar obstáculos de toda ordem para impedir o desenvolvimento da economia cubana.

Qualquer país já teria sucumbido diante de situação tão difícil. Os motivos da resistência cubana podem ser encontrados na essência de sua revolução: a participação popular. Desde os primeiros momentos da crise, foram realizadas inúmeras reuniões com os mais diferentes segmentos da sociedade cubana, através de suas organizações de massa. Nestas reuniões a situação era, clara e abertamente, discutida e delas resultavam propostas a serem implementadas tanto pelo governo nos seus diferentes níveis, como pelas organizações de massa, envolvendo praticamente toda a população cubana.

Optou-se, de início, por manter as grandes conquistas da Revolução como a seguridade social universalizada, a organização e a qualidade dos serviços de saúde e educação. Foi assumido o compromisso coletivo de manter esses serviços, mesmo nas condições mais difíceis, não deixando uma só criança fora da escola, um só cidadão sem assistência médica e nenhum cidadão desamparado.

Muitas fábricas pararam ou diminuíram suas atividades por falta de matéria-prima e de energia. Decidiu-se pela manutenção dos empregos, diminuindo a jornada de trabalho, ou mantendo-se o trabalhador em casa recebendo parte de seu salário. É evidente que com a diminuição da produção e a manutenção dos salários acumulou-se um excesso de dinheiro e estabeleceu-se um mercado paralelo. Legalizou-se a posse do dólar que já circulava ilegalmente e estabeleceu-se o trabalho por conta própria.

Hoje, depois que o país conseguiu enfrentar de maneira organizada a grave situação econômica, depois de dividir igualmente as dificuldades, depois que a grande maioria da população percebeu que nenhum cidadão cubano havia ficado ou ficaria abandonado a sua própria sorte, depois que os esforços de recuperação econômica começaram a mostrar sinais positivos, resolveu-se aplicar medidas para restabelecer o necessário equilíbrio das finanças internas do país.

Como havia pessoas com diferentes possibilidades de acesso ao dólar, isto trouxe desigualdades que antes não havia. O peso foi-se desvalorizando rapidamente, chegando-se a pagar 150 pesos por um dólar. Algumas indústrias, que por sua importância estratégica, como a indústria elétrica, para a qual conseguiu-se algum financiamento, estabeleceram-se estímulos em dólar. Em numerosos centros de trabalho, além do turismo, os trabalhadores estão recebendo dólares e é cada vez maior o número de trabalhadores cubanos que recebem o peso conversível que podem ser utilizados nas lojas de turistas e equivalem a um dólar. As medidas até agora tomadas tendem a conduzir à valorização e convertibilidade da moeda, mas trazem desigualdades e impõem sacrifícios também desiguais.

Em Cuba não se tinha a menor idéia do que fossem impostos. Tudo se resolvia no orçamento com o lucro das empresas comerciais e das empresas da produção. O país tinha recursos para manter o regime de impostos em níveis mínimos. Hoje, além de incentivar o trabalho por conta própria, discute-se as perspectivas de desenvolvimento da pequena e média empresa, o papel do Estado e sua participação na economia.

Houve muitas festas pelo desaparecimento do campo socialista, principalmente da antiga URSS. Hoje a realidade da Rússia é simplesmente de assustar. O louco processo de privatização não passa de um assalto à propriedade pública pelos antigos dirigentes do PCURSS, de lavagem de dinheiro das diferentes máfias que tomaram conta da sociedade russa, incremento assustador da violência, tanto por parte do Estado (vide o caso da Chechênia), como pelas gangs que se organizaram e pelo crescimento acentuado da prostituição, principalmente da prostituição infantil.

Um país enorme, com enormes recursos naturais, uma população com alta escolaridade e no entanto, desorganizando-se a cada dia, em função da aplicação de políticas irresponsáveis que desmantelam o Estado, e perdendo sua soberania, apesar de seu forte aparato militar. Aliás, seu arsenal nuclear representa hoje um enorme perigo para a humanidade, pois a desorganização do Estado é suficientemente grande para permitir que armamentos nucleares caiam em mãos do crime organizado.

O processo cubano é muito distinto. Não está havendo desorganização do Estado e nem da sociedade. As mudanças estão ocorrendo planejadamente e com total preservação da soberania. Não há entrega da economia e muito menos a aplicação de uma política neoliberal. Em primeiro lugar, nenhuma escola foi fechada, nenhum hospital foi fechado e não há um só professor ou profissional de saúde na rua. Apesar de todas as dificuldades, não há um só cidadão cubano abandonado à própria sorte. O governo cubano está, como já dissemos anteriormente, buscando capitais, tecnologia e mercados. Apesar do bloqueio americano, tem conseguido êxito em sua política e já constituiu várias empresas mistas em importantes ramos da economia, como por exemplo, nas telecomunicações, na pesquisa, exploração e refino de petróleo, na produção de cimento, na exploração do níquel e no turismo. A formação destas empresas leva em consideração os interesses dos associados, mesmo porque se não fosse assim eles não se associariam, mas leva em conta também e, principalmente, os interesses nacionais.

O mundo mudou, Cuba tem que mudar para se adaptar à nova realidade. Estas mudanças, no entanto, estão se dando de maneira responsável, de-

mocrática, mantendo-se as conquistas do socialismo. O povo cubano construiu sua sociedade socialista com imensa participação popular. Produziu um processo educacional formidável, que o mundo inteiro reconhece e que criou uma mentalidade nova, carregada de solidariedade, de preocupação com o coletivo, de respeito ao indivíduo e apesar da presença inevitável de posturas dogmáticas em certos momentos, no geral prevaleceu a visão crítica que pode ser encontrada na maioria de sua produção cultural.

Esta formação do povo cubano, sua consciência forjada no processo de construção de uma sociedade sem explorados e sem exploradores, de indignação em relação à injustiça estará submetida à prova neste processo que Cuba enfrenta hoje, seguramente a mais difícil, desde que iniciou sua luta pela independência no século passado. O povo cubano não vai enfrentar apenas as dificuldades de hoje, agravadas pelo bloqueio americano, vai enfrentar também as dificuldades de conviver com as desigualdades decorrentes da introdução dos mecanismos de mercado, com a presença da produção privada, embora ela já existisse na agricultura; mas agora, necessariamente, crescerá em vários ramos da economia, porque o bom senso mais elementar aponta este caminho.

Novamente, a educação jogará um papel decisivo na formação dos jovens que não conheceram a situação social anterior à revolução e viverão as desigualdades decorrentes do processo de introdução de mecanismos de mercado, como também as gerações que construíram a nova sociedade terão que dar seu exemplo diante da nova situação. Aliás, elas têm sido muito claras no seus propósitos. Afirmam que não se pretende criar uma sociedade capitalista e nem vai se estabelecer um governo de burgueses e de ricos para os burgueses e ricos. Afirmam que têm e continuarão tendo um governo de trabalhadores e para os trabalhadores.

Independentemente do caminho que cada povo escolher para seu desenvolvimento, ele somente será possível se for seguido com soberania e justiça social. É fundamentalmente o que Cuba tem representado nestes mais de 35 anos de revolução.

A tentativa de isolar Cuba, sufocar a Revolução pela fome de seu povo, é um ato que atenta contra os direitos humanos. A luta contra o bloqueio à Cuba significa a defesa do nosso direito à autodeterminação, faz parte de nossa luta contra a política neoliberal ditada pelo chamado Conselho de Washington. Faz parte da mesma luta por um desenvolvimento soberano e com justiça social.

Carlos Eduardo Malhado Baldijão é professor aposentado da USP e assessor parlamentar da liderança do Partido dos Trabalhadores na Câmara Federal.